



NEURODIVERSIDADE E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Cristiano Lucas Soma¹

Domingos Da Costa Chilanda António²

Sorta Leonardo Macuácuá³

Artur Tavares Novele⁴

Vanessa Teixeira De Freitas Nogueira⁵

RESUMO

A neurodiversidade representa uma perspectiva que reconhece as variações neurológicas humanas, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e outras condições, não como deficiências, mas como diferenças naturais. No ensino superior, a inclusão de estudantes neurodivergentes ainda enfrenta desafios pedagógicos relevantes, tais como barreiras atitudinais, insuficiente formação docente e ausência de adaptações curriculares eficazes. Paralelamente, emergem estratégias inovadoras, como o uso de tecnologias assistivas e metodologias pedagógicas inclusivas. Este estudo, desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, tem como objetivos identificar as principais barreiras pedagógicas e propor abordagens inclusivas fundamentadas em evidências científicas. A análise qualitativa contemplou relatos de experiências, revisões sistemáticas e estudos sobre práticas educativas voltadas à neurodiversidade no ensino superior. A introdução contextualiza a transição do modelo de deficiência para o de neurodiversidade, destacando sua relevância para instituições de ensino superior. Os objetivos centram-se em identificar barreiras pedagógicas e propor abordagens inclusivas baseadas em evidências. O método adotado é uma análise qualitativa de fontes acadêmicas recentes, focando em relatos de experiências, revisões sistemáticas e estudos sobre práticas educativas. Os resultados evidenciam que os maiores entraves incluem a percepção negativa de professores sobre a inclusão, a carência de formação continuada e a dificuldade de adaptação de metodologias, especialmente em disciplinas de ciências exatas. Por outro lado, práticas eficazes envolvem o uso de jogos digitais, sistemas de acompanhamento acadêmico e reflexões pedagógicas voltadas à acessibilidade. Conclui-se que a valorização da neurodiversidade exige políticas institucionais consistentes, formação docente contínua e estratégias pedagógicas que assegurem a equidade no processo educativo.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Ensino superior e Formação docente; Inclusão educacional; Acessibilidade.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA, Discente, cristianosoma05@gmail.com¹
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA, Discente, silanda@aluno.unilab.edu.br²
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA, Discente, sortaleo@gmail.com³
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Instituto de Ciências Exatas da Natureza , Discente, arturtavares819@gmail.com⁴
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Instituto de Linguagens e Literatura, Docente, vanessa.teixeirafn@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

O conceito de neurodiversidade surge como uma perspectiva paradigmática que redefine as variações neurológicas, afastando-se do modelo médico tradicional de deficiência para enfatizar a diversidade humana como um espectro natural. Essa abordagem, proposta inicialmente por Ortega (2009), argumenta que condições como autismo e TDAH não devem ser vistas apenas como transtornos, mas como formas de processamento cognitivo únicas que enriquecem a sociedade. No ensino superior, onde a autonomia e o desempenho acadêmico são enfatizados, a inclusão de estudantes neurodivergentes ganha relevância, especialmente com o aumento de matrículas de indivíduos com necessidades educacionais específicas (Freitas, 2016).

De acordo com Freitas (2016), a transição da concepção de deficiência para neurodiversidade implica em repensar práticas pedagógicas, promovendo ambientes que valorizem diferenças em vez de padronizá-las. No entanto, o ensino superior brasileiro ainda enfrenta lacunas, como relatado por Ferreira e Nozi (2025), que destacam o retrato acadêmico da inclusão de estudantes com TEA, marcado por barreiras institucionais e atitudinais. Estudos como o de Coutinho e Tessaro (2024) revelam percepções de professores que, muitas vezes, veem a inclusão como um desafio devido à falta de preparo para lidar com neurodiversidades.

Essa introdução contextualiza os desafios pedagógicos, como a necessidade de adaptações curriculares e formação docente, e as estratégias, incluindo o uso de tecnologias e práticas articuladas (Ferreira, 2024). A neurodiversidade na escola contemporânea, conforme Oliveira et al. (2025), exige reflexões sobre práticas inclusivas que superem obstáculos, promovendo equidade. Assim, este trabalho busca explorar essas dimensões para contribuir com o avanço da inclusão no ensino superior.

O objetivo deste resumo expandido é analisar as estratégias e desafios pedagógicos para a inclusão de estudantes neurodivergentes no ensino superior, por meio de uma revisão de literatura especializada, identificando barreiras pedagógicas, como falta de formação docente e barreiras atitudinais, propondo abordagens inclusivas baseadas em evidências, como o uso de tecnologias assistivas e sistemas de acompanhamento, e discutindo o impacto da formação docente na implementação de práticas que promovam acessibilidade e equidade no ambiente acadêmico.

METODOLOGIA

Este estudo emprega uma abordagem qualitativa fundamentada em revisão de literatura, com o propósito de sintetizar conhecimentos existentes sobre neurodiversidade e inclusão no ensino superior. A revisão foi escolhida por sua flexibilidade em integrar perspectivas multidisciplinares, permitindo uma exploração aprofundada de temas emergentes sem a rigidez de protocolos sistemáticos, embora mantendo rigor acadêmico na seleção e análise das fontes. As fontes foram selecionadas com base em critérios de relevância temática, abrangendo publicações que abordam diretamente estratégias pedagógicas, desafios inclusivos e experiências no contexto universitário. Incluímos artigos de revistas acadêmicas, anais de congressos e revisões de literatura publicados entre 2009 e 2025, priorizando obras que discutem condições como transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e outras variações neurodivergentes. A busca inicial partiu de referências pré-definidas, garantindo uma base empírica diversificada que inclui estudos teóricos, relatos de formação docente e análises de práticas educacionais.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela um cenário complexo de desafios e estratégias para a inclusão de estudantes neurodivergentes no ensino superior, destacando tanto as barreiras institucionais quanto as soluções pedagógicas emergentes. Um dos desafios centrais é a percepção negativa ou insegura de professores em relação à inclusão, frequentemente decorrente da falta de formação específica. Coutinho e Tessaro (2024) apontam que docentes relatam dificuldades em adaptar metodologias de ensino para atender às necessidades de alunos com neurodiversidades, como TEA e TDAH, o que pode levar a práticas que reforçam barreiras atitudinais. Oliveira (2025) complementa essa visão ao destacar o olhar dos próprios acadêmicos neurodivergentes, que identificam atitudes preconceituosas ou falta de compreensão como obstáculos significativos à sua participação plena no ambiente universitário. Essa percepção é agravada pela ausência de diretrizes institucionais claras, que frequentemente deixam os professores sem suporte para lidar com a diversidade em sala de aula.

Outro desafio relevante é a transição do ensino médio para o superior, que exige continuidade nas práticas inclusivas para garantir a permanência e o sucesso acadêmico. Silva et al. (2025) enfatizam que a falta de articulação entre os níveis educacionais resulta em lacunas no suporte a estudantes com deficiência, incluindo aqueles com neurodiversidades. Especificamente para o TEA, Ienne (2024) e Sampaio e Feitoza (2024) revelam, por meio de revisões da literatura, que a inclusão no ensino superior ainda é marcada por acessibilidade limitada, com poucos recursos adaptados e baixa sensibilização institucional. Já para o TDAH, Tonkio et al. (2025) destacam a necessidade de formação docente contínua, apontando que professores muitas vezes não dominam estratégias específicas para engajar esses estudantes, especialmente em disciplinas que exigem maior concentração, como ciências e matemática.

Por outro lado, estratégias inovadoras emergem como respostas promissoras. Alves (2025) propõe práticas pedagógicas que priorizam a acessibilidade, como a flexibilização de avaliações e a personalização do ensino, que podem ser aplicadas a diferentes neurodiversidades. O uso de tecnologias assistivas, como jogos digitais, é destacado por Oliveira, Pacífico e Borges (2023) como uma ferramenta eficaz para engajar estudantes neurodivergentes, especialmente em disciplinas de ciências, onde o aprendizado visual e interativo pode facilitar a compreensão. Viana e Manrique (2023) reforçam essa ideia ao discutir a neurodiversidade na educação matemática, sugerindo que metodologias ativas, como gamificação, ajudam a superar barreiras cognitivas. Além disso, Souza Gama et al. (2025) apresentam revisões sobre estratégias para TDAH, destacando a importância de atividades práticas que promovam foco e engajamento.

Sistemas de acompanhamento acadêmico também se mostram eficazes. Passos, Martins e Araujo (2024) descrevem uma iniciativa que utiliza tecnologias abertas para monitorar o progresso de estudantes neuroatípicos, oferecendo suporte personalizado que facilita a comunicação entre alunos, professores e coordenadores. Rosalen (2024) aponta para as potencialidades da educação especial no ensino superior, sugerindo que a construção de ambientes inclusivos depende de políticas institucionais que incentivem a colaboração interdisciplinar. Costa et al. (2025) reforçam a importância da formação docente, relatando experiências de capacitação que aumentam a confiança dos professores em lidar com a neurodiversidade. Oliveira et al. (2025) concluem que práticas pedagógicas reflexivas, baseadas na escuta ativa dos estudantes, são fundamentais para superar desafios contemporâneos e promover uma inclusão autêntica. Esses



resultados indicam que, embora os desafios sejam significativos, há um repertório crescente de estratégias que, se implementadas de forma articulada, podem transformar o ensino superior em um espaço mais equitativo.

CONCLUSÕES

A inclusão de estudantes neurodivergentes no ensino superior demanda uma abordagem que reconheça a neurodiversidade como uma expressão natural da variabilidade humana, promovendo ambientes acadêmicos que valorizem diferenças e superem barreiras. Os desafios, como a falta de formação docente, barreiras atitudinais e a ausência de adaptações curriculares consistentes, destacam a necessidade de mudanças estruturais nas instituições. Estratégias como o uso de tecnologias assistivas, jogos digitais, sistemas de acompanhamento personalizado e práticas pedagógicas flexíveis demonstram potencial para transformar o ensino, garantindo acessibilidade e engajamento. A formação docente contínua e o desenvolvimento de políticas institucionais inclusivas são passos cruciais para assegurar que o ensino superior se torne um espaço de equidade, onde todos os estudantes, independentemente de suas características neurológicas, tenham oportunidades de sucesso acadêmico e pessoal. Este estudo reforça a importância de ações coordenadas, envolvendo professores, gestores e alunos, para construir uma educação superior verdadeiramente inclusiva e transformadora, alinhada aos princípios da neurodiversidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão à professora pela sua disponibilidade e dedicação em nos orientar ao longo da elaboração deste trabalho. Sua contribuição foi essencial para o nosso aprendizado, oferecendo não apenas suporte técnico, mas também incentivo e direcionamento em cada etapa do processo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo Chiconi. Inclusão de alunos neurodivergentes: desafios e estratégias para uma educação realmente acessível. *Gestão & Educação*, v. 8, n. 04, p. 100-112, 2025.

COSTA, Angélica da; SILVA, Fernanda Cristina; OLIVEIRA, Juliana Maria de; SANTOS, Rafael Henrique dos. Neurodiversidade na educação superior: relatos de uma formação docente. In: *Anais do Congresso de Educação, Interdisciplinaridade e Práticas Escolares*, 2025. p. 01-07.

COUTINHO, Monike Carvalho; TESSARO, Monica. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes. *Revista Pedagógica*, v. 26, p. e7871, 2024.

FERREIRA, Jessica Moura; NOZI, Gislaine Semcovici. A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: um retrato dessa temática no cenário acadêmico. *Momento – Diálogos em Educação*, v. 34, n. 2, 2025.

FERREIRA, Vânia da Silva. A neurodiversidade na escola e a importância das práticas articuladas. *Revista Nova Paideia – Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa*, v. 6, n. 3, p. 1017-1026, 2024.



FREITAS, Ana Beatriz Machado de. Da concepção de deficiência ao enfoque da neurodiversidade. Revista Científica de Educação, v. 1, n. 1, p. 86-97, 2016.

IENNE, Vanderlei. Autismo no ensino superior. Revista de Ubiquidade, v. 7, n. 1, p. 42-57, 2024.

OLIVEIRA, Luciene Nunes dos Santos de; LIMA, Carla Regina; SOUZA, Mariana Ferreira de; ANDRADE, Paulo Henrique. A (neuro) diversidade na escola contemporânea: reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e seus desafios. Revista Semiárido de Visu, p. 58-70, 2025.

OLIVEIRA, Daiana Maria de; PACÍFICO, Marcelle; BORGES, Marcos Antônio Ferreira. Jogos digitais e a neurodiversidade: uma revisão sistemática. In: Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital (SBGames), p. 1047-1053, 2023.

OLIVEIRA, Débora Chiararia de. Inclusão no ensino superior: o olhar de acadêmicos com necessidades educacionais específicas sobre as barreiras atitudinais. 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/b01b6e77-d0bc-4e03-ab00-d96a2a16e1e0/content> . Acesso em: 04 set. 2025.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 67-77, 2009.

PASSOS, Fabiano Romeu Henry; MARTINS, Valéria Farinazzo; ARAUJO, Renata Mendes. Sistema de acompanhamento acadêmico para neuroatípicos no ensino superior. In: Congresso Latino-Americano de Software Livre e Tecnologias Abertas (Latinoware). SBC, 2024. p. 480-483.

ROSALEN, Patrícia Cristina. Educação especial no ensino superior: potencialidades e desafios na construção de uma educação inclusiva. 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/009d33e8-0146-46d0-b535-1cb452609a62/content> . Acesso em: 04 set. 2025.

SAMPAIO, Centro Universitário Doutor Leão; FEITOZA, Suelen Ribeiro. Inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino superior: revisão da literatura. 2024. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1783.pdf> . Acesso em: 04 set. 2025.

SILVA, Luiz André Ferreira da; ALMEIDA, Renata Cristina de; SANTOS, João Paulo dos; COSTA, Mariana Lopes. Da escola à universidade: práticas inclusivas no percurso educacional de estudantes com deficiência. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 17, n. 8, p. e9046, 2025.

SOUZA GAMA, Asenate Oliveira de; LIMA, Camila Rafaela; SILVA, Bruna Letícia; OLIVEIRA, Felipe Augusto. Educação inclusiva em Ciências: revisão sobre estratégias pedagógicas para estudantes com TDAH. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 8, n. 19, p. e082379, 2025.

TONKIO, Rosa Maria; ANDRADE, Larissa Cristina; PEREIRA, Juliana Souza; LIMA, Thiago Henrique. Educação inclusiva e neurodiversidade (TDAH) no ensino superior: desafios para a formação docente. 2025.



Disponível

em :

https://ri.uepg.br/monografias/bitstream/handle/123456789/352/TCC_Rosa%20Maria%20Tonkio.pdf?sequence=1 . Acesso em: 04 set. 2025.

VIANA, Elton de Andrade; MANRIQUE, Ana Lucia. Discutindo a neurodiversidade na Educação Matemática: as novas terminologias que emergem nessa discussão. Educação Matemática Pesquisa, v. 25, n. 4, p. 332, 2023.